

Práxis pedagógica da peteca e corrida de tora: um relato de experiência

Saulo Kusterⁱ 

Universidade Federal do Espírito Santo, Espírito Santo, Brasil.

Resumo

Este trabalho tem o objetivo de relatar a experiência pedagógica de um professor de Educação Física em uma escola pública municipal de Serra-ES, trabalhando com o ensino de Peteca e Corrida de Tora. Utilizou-se como instrumentos de registro/avaliação pesquisa o diário de aula, fotografias e vídeos das brincadeiras vivenciadas. Durante as aulas observou-se que a peteca e a corrida de tora são possibilidades pedagógicas fecundas que apresentaram como pontos positivos a potencialização da auto-organização e trabalho em equipe, bem como a melhoria do gestos técnicos envolvidos nas brincadeiras.. Ainda assim, pode-se observar empiricamente o aumento acentuado da consciência dos alunos no que diz respeito a cultura indígena e suas brincadeiras.

Palavras-chave: Relato de Experiência; Corrida de Tora; Peteca.

Peteca's pedagogical praxis and log race: an experience report

Abstract

This work aims to report the pedagogical experience of a Physical Education teacher in a municipal public school in Serra-ES, working with the teaching of peteca and corrida de tora. The class diary, photographs and videos of the games experienced were used as recording/assessment instruments. During the classes it was observed that peteca and corrida de tora are fruitful pedagogical possibilities that presented as positive points the potentiation of students' self-organization, improvement of technical gestures of movements and teamwork. Even so, one can empirically observe the sharp increase in students' awareness of indigenous culture and their games.

Keywords: Experience Report; Log Race; shuttlecock.

1 Introdução

Aumentar o horizonte de experiências culturais e motoras dos alunos é uma das tarefas da Educação Física. No entanto, aulas de Educação Física que se deslocam destas práticas não hegemônicas enfrentam dificuldades, como diferentes autores apontam. Quando pensamos nas questões relacionadas à cultura indígena na escola, por exemplo, muitas vezes, associamos ao “descobrimento do Brasil” ou o “dia do Índio”, esvaziando de sentido uma temática complexa (SOUSA, 2021).

Vemos então como a dificuldade do trato pedagógico deste tema não se apresenta somente no campo da Educação Física.

O ensino das culturas afro-brasileiras e indígenas nos currículos oficiais das escolas públicas e privadas do ensino fundamental e médio brasileiras foram implementados pela Lei Federal 11.645, datada 10 de março de 2008. Em termos empíricos, na Educação Física escolar vemos que alguns professores ainda apresentam dificuldades para trabalhar estas temáticas, ou, nos casos que trabalham, muitas vezes apelam para jogos/brincadeiras das culturas afro-brasileiras e indígenas de forma “sazonal, usualmente, revivida como caricatura em datas comemorativas” (PEDROZA, 2018, p. 118).

A escrita deste trabalho faz parte de um esforço de (re)pensar a prática docente no que tange o ensino de conteúdos da cultura indígena nas aulas de Educação Física. O objetivo deste trabalho é relatar a experiência pedagógica de um professor de Educação Física em uma escola pública municipal de Serra-ES, trabalhando com o ensino de peteca e corrida de tora.

2 Metodologia

Esta modalidade deve relatar uma experiência vivida que, neste caso, deu-se no campo educacional, de forma crítica-reflexiva com apoio da literatura pertinente. Utilizamos para isso dois instrumentos de registro/avaliação no decorrer das aulas. Um deles diz respeito a adoção do diário de campo, em que escrevemos informações do que se viu e ouviu, e o outro, igualmente importante, foram às fotografias e vídeos das brincadeiras.

Sabendo que o relato de experiência pode ser feito a partir perspectiva acadêmica, deve-se explicar contextualizada e detalhadamente os acontecimentos, sem que mantenha aspectos subentendidos, constando elementos positivos e negativos da experiência vivenciada. A experiência de ensino ocorreu com 6 turmas do terceiro ano e 4 turmas do quarto ano do ensino fundamental. A média de alunos matriculados por turma era de 27, embora comumente frequentassem sistematicamente somente a média de 24. As intervenções deram-se

fundamentalmente em dois espaços: uma quadra escolar coberta (que era dividida com outra professora de Educação Física) e uma sala de aula. Somadas as intervenções cada turma vivenciou um quantitativo de 12 aulas.

3 Resultados e Discussões

3

Trabalhar a temática dos jogos e brincadeiras de matrizes indígenas (principalmente bororo e tupi) e no ambiente escolar advém de um impulso pessoal, pois durante a formação inicial pude conhecer alguns aspectos básicos das brincadeiras indígenas que muito me agradaram. No entanto, o fator determinante para a materialização deste relato experiência deve-se o fato desta temática estar presente no eixo/diretriz curricular, que relaciona-se com a Lei Federal 11.645. Busquei, durante a prática, cumprir os seguintes objetivos (foquei neste momento nos jogos e brincadeiras de matrizes indígenas, às africanas foram tratadas posteriormente):

Experimentar e fruir brincadeiras e jogos populares do Brasil e do mundo, incluindo aqueles de matrizes indígenas e africana, e recriá-los, valorizando a importância desse patrimônio histórico cultural;
Planejar e utilizar estratégias para possibilitar a participação segura de todos os alunos em brincadeiras e jogos populares do Brasil e de matriz indígena e africana;
Descrever, por meio de múltiplas linguagens (corporal, oral, escrita, audiovisual), as brincadeiras e os jogos populares do Brasil e de matrizes indígenas e africana, explicando suas características e a importância desse patrimônio histórico-cultural na preservação das diferentes culturas.

As brincadeiras indígenas foram precedidas de jogos e brincadeiras populares no Brasil (queimada, pique bandeiras) e tiveram início após o chamado “dia do índio”. Compreendo que está data, muitas vezes caricaturada ou esvaziada de sentido, guarda uma grande potencialidade pedagógica, pois é possível utilizá-la para desconstruir certos estereótipos acerca dos povos indígenas. Foi neste sentido que caminhou toda minha intervenção.

A primeira aula propriamente dita sobre a temática indígena deu-se em sala de aula. Perguntei aos alunos se eles conheciam algum indígena e se saberiam me dizer algo sobre a cultura indígena brasileira. Pontualmente alguns alunos diziam que tinham antepassados indígenas, mas pouco avançavam sobre o tema. A partir deste diagnóstico básico do conhecimento sobre a temática pude intervir comentando sobre a cultura indígena: falando da ausência de um tipo genérico de indígena, que sua cultura resguarda particularidades e que existem aldeamentos no município de Aracruz, Espírito Santo.

Na mesma aula passei a mostrar imagens e vídeos de crianças indígenas brincando nas aldeias, e perguntei se os alunos sabiam quais eram aquelas brincadeiras. Aproveitei a curiosidade apresentada por todos para explicar que nós, na escola, fazemos brincadeiras de origem indígena. Tratei, nesse momento, de mostrar vídeos de brincadeiras indígenas que nós fazemos popularmente, como a Peteca (KISHIMOTO, 1999), e outras que lhes eram totalmente estranhas. Pedi que os alunos escolhessem uma das brincadeiras através de votação e outra eu propus. Obtive com a votação a escolha incontestada da Peteca, e propus que brincássemos de corrida de tora.

Os alunos decidiram que brincaríamos inicialmente com a Peteca, e só depois vivenciaríamos a corrida de tora. A segunda e terceira aula do relato de experiência foram realizadas na quadra. Diferentemente do que desejava, não consegui construir as petecas conjuntamente com os alunos, pois a escola não dispunha dos materiais básicos para elaboração do implemento. Nem com adaptação de recursos foi possível, então, mesmo a contragosto, dado que a construção do implemento pode ser um processo rico do ponto de vista pedagógico (CABRAL, 2017), optei por utilizar petecas já prontas. As duas aulas realizadas na quadra foram focadas na vivência da Peteca, sem imposição de um conjunto de regras: os alunos foram divididos em pequenos grupos e vivenciaram as diversas possibilidades que a peteca dá. Observei, nesse momento, como a auto-organização dos alunos é eficiente, pois todas as pessoas foram contempladas na brincadeira. As imagens e vídeos que utilizei nesse processo evidenciam que na primeira aula muitos alunos apresentam dificuldade de manejo da peteca e escassa

habilidade de precisão para lançá-la. Na segunda aula de peteca, comparando, observei uma melhora significativa nesse campo, sem que houvesse uma intervenção impositiva de minha parte.

5 Demostrei com vídeos que a Peteca pode ser praticada também enquanto uma manifestação esportiva, ou seja, bastante diferente daquela vivenciada até então. A peteca, conforme Pereira (2021) explora, foi reconhecida como esporte na década de 1970, sendo oficializado em Brasília, no ano de 1985. A peteca enquanto esporte, assim, difere do jogo como manifestação cultural tradicional. Isto implica na criação e implementação de regras, que foram brevemente expostas em vídeo para que todos os alunos tivessem conhecimento.

Para minha surpresa vários alunos fizeram associações entre a dinâmica da Peteca esportiva e do voleibol, tanto pelas regras, quanto pela área do jogo ser dividida por uma rede. Notadamente esta associação é correta, pois advém do voleibol “a altura para a rede, a contagem de pontos e, também, fundamentos como toque, saque, cortada e defesa” (PEREIRA, 2021, p. 47). Este comportamento dos alunos auxiliou a operacionalização do esporte, pois ainda na primeira aula de Peteca esportiva fomos à quadra. Não utilizamos a rede neste momento, mas as marcações no chão, onde, divididos em grupos (organizei 4 campos onde os jogos aconteciam simultaneamente), os alunos utilizaram a habilidade de golpear a Peteca no intuito de direcioná-la ao campo da equipe adversária. Esta experiência deu-se durante duas aulas.

Estas estratégias de ensino da peteca esportiva apresentaram algumas dificuldades, sobretudo no que tange a assimilação das regras do jogo. Isto pode se dever a complexidade propriamente das regras, que para a faixa etária vivenciada é desafiadora, ou ao fato de termos vivenciado o jogo propriamente dito durante somente uma aula e meia, haja visto que mais da metade da primeira aula deu-se em sala, vendo vídeos e dialogando sobre o esporte.

A terceira e quarta aula dedicadas à peteca como esporte deram-se exclusivamente na quadra. Construimos conjuntamente quatro campos para o jogo de Peteca, mostrando como cada equipe se coloca e reafirmando as regras básicas para o jogo, além de acrescentar as redes em cada campo. Jogamos duas vezes

sob estas condições, aperfeiçoando, em cada aula, as regras do jogo e criando uma tarefa conjunta: cada aluno que se reivindicava como “bom jogador”, deveria ajudar os colegas com dificuldade. Isto criou um clima de cooperação que fez com que fosse possível manter quatro campos de jogos simultaneamente, envolvendo todos os alunos ativamente.

6 Outra experiência de ensino que diz respeito à corrida de tora. Para isso optei por utilizar o total de quatro aulas. Na primeira aula conhecemos a corrida de tora através de vídeo e fotos, onde expliquei as origens do jogo, amparado no trabalho de Melatti (1976) e Nimuendajú (2001) no que concerne a multiplicidade de etnias e locais do Brasil que vemos tal prática. A partir de então, ainda na primeira aula dedicada a esta temática, começamos a confeccionar as toras.

Como mostrei vários tipos de toras diferentes, perguntei ao alunos quais poderíamos adotar com base nos materiais que dispúnhamos. Então utilizamos a parte final da aula e uma outra aula completa para elaboramos toras seguras e eficientes. A corrida de tora propriamente dita ocorreu durante duas aulas. Na primeira aula os alunos vivenciaram a Corrida de tora em duplas, indo de um lado da quadra até o outro, seguindo uma raia desenhada na quadra. Na segunda aula mudou-se um pouco a dinâmica da aula: escolhemos grupos compostos de seis alunos para fazer o revezamento da tora. Cada grupo dividia-se em dois (compostos por três alunos), que corriam até o fim da quadra e passavam a tora para o segundo grupo, que por sua vez, a carregava até o ponto de saída inicial.

Fazendo um balanço mais geral das aulas foi possível perceber que a maior parte dos alunos conseguiam, ao final das 12 aulas, criar uma consciência (ainda que alguma vezes difusa) que ligava a brincadeira à cultura indígena através de sua história. Durante as aulas de Educação Física em que foram vivenciados a peteca e a corrida de tora alguns incômodos pedagógicos fizeram-se presentes constantemente. O principal deles foi a insegurança com relação ao conteúdo das aulas (sobretudo no caso da corrida de tora), pois observei que minha experiência prévia com brincadeiras indígenas era insuficiente. Pereira (2019; 2021) mostra que outros professores apresentam esta mesma dificuldade, que, por sua vez, acaba sendo agravada pela pouca produção científica encontrada sobre o tema.

Durante o decorrer das aulas foi perceptível o engajamento dos alunos nas atividades propostas, bem como um elevado grau de autonomia e protagonismo no que tange às brincadeiras. Soma-se a isso o fato de que, em linhas gerais, a consciência dos alunos em torno da cultura indígena ter avançado. Não extinguiu-se totalmente alguns estereótipos muito arraigados sobre os indígenas, como o certa noção “bons ou maus selvagens”, mas foi verificável uma conscientização da inexistência de um tipo genérico de indígena, além da enorme aceitação das brincadeiras por parte dos alunos.

4 Considerações finais

É possível dizer que além da percepção da cultura indígena, os alunos tiveram melhorias em seu desempenho social, cognitivo e emocional. As fotografias e vídeos, aliados ao diário de aula, evidenciam desenvolvimento motor dos alunos. Portanto, não é exagero afirmar que a corrida de tora e a prática de peteca (na sua dimensão tradicional e esportiva) são possibilidades pedagógicas que, trabalhadas com os devidos cuidados para não haver um esvaziamento cultural, desenvolvem o aluno de maneira integral.

No entanto, fazendo uma análise crítica da intervenção, nota-se certa limitação pedagógica ligada à um déficit formativo que não foi superado totalmente no decorrer da experiência aqui narrada. Assim como a literatura aponta, viu-se que a ausência de diálogos sobre brincadeiras indígenas na formação inicial dos professores impacta diretamente sua atuação, embora não seja suficiente para inviabilizar seu trabalho, tampouco sirva como subterfúgio para justificar inépcia.

Referências

CABRAL, Mauricio Martins; DOS SANTOS FILHO, Alexandre Silva. Cultura e Educação na Amazônia Oriental: Práticas corporais na comunidade Parkatêjê. **Revista Educação, Artes e Inclusão**, v. 13, n. 2, p. 2017.

KISHIMOTO, T. M. (Org.) **Jogo, brinquedo, brincadeira e a educação**. 3. ed. São Paulo: Cortez, 1999.

MELATTI, Julio Cezar. Corrida de toras. **Revista de Atualidade Indígena**, v. 1, n. 1, 1976.

NIMUENDAJÚ, Curt. A corrida de toras dos Timbira. **Mana**, v. 7, n. 2, p. 151-194, 2001.

PEDROZA, Reigler Siqueira et al. Esporte/jogos indígenas: uma práxis pedagógica da peteca e jikunahati na educação física escolar. **Revista Temporis [ação]**(ISSN 2317-5516), v. 18, n. 1, p. 112-126, 2018.

PEREIRA, Arliene Stephanie Menezes. **Práticas corporais indígenas**: jogos, brincadeiras e lutas para a implementação da Lei nº 11.645/08 na Educação Física escolar. Fortaleza: Aliás, 2021.

PEREIRA, Arliene Stephanie Menezes; SOUZA, Symon Tiago Brandão de. Lutas corporais indígenas: o estado do conhecimento. **Práticas Educativas, Memórias e Oralidades** - Rev. Pemo, Fortaleza, v. 3, n. 3, e335779, 2021.

PEREIRA, A. S. M. et al. Aplicação das leis 10.639/03 e 11.645/08 nas aulas de Educação Física: diagnóstico da rede municipal de Fortaleza/CE. **Rev. Bras. Ciênc. Esporte**, v. 41, n. 4, 412-418, 2019.

SOUSA, Daiane Araújo de. O ensino de lutas corporais indígenas na Educação Física Escolar: um relato de experiência. **Ensino em Perspectivas**, v. 2, n. 1, p. 1-11, 2021.

ⁱ **Saulo Kuster**, ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-9476-157X>

Universidade Federal do Espírito Santo; Centro de Educação Física; Programa de Pós-Graduação em Educação Física.

Bacharelado e Licenciatura em Educação Física, pós-graduação em Antropologia e mestrado em Educação Física. Atualmente é professor de Educação Física no Município de Serra-ES. Contribuição de autoria: vivenciou e materializou todo o material aqui exposto.

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/9797783612770746>

E-mail: saulokust@hotmail.com

Editora responsável: Karla Colares Vasconcelos

Como citar este artigo (ABNT):

KUSTER, Saulo. Práxis pedagógica da peteca e corrida de tora: um relato de experiência. **Ensino em Perspectivas**, Fortaleza, v. 3, n. 1, 2022.